

O CLÁSSICO DO FUTEBOL DE MONTES CLAROS

E

Enquanto do
outro lado,
do mundo se pega
fogo.

Vou ficando no Brasil,
em meio a tanto logro.
Pra falar de uma paixão,
que “rebenta” coração,
futebol é esse jogo...

No Brasil é bem comum,
já nascer chutando bola.
Quem não joga no Brasil,
certamente se enrola.
Ao menos é torcedor,
cartola ou enganador,
isso em parte já consola...

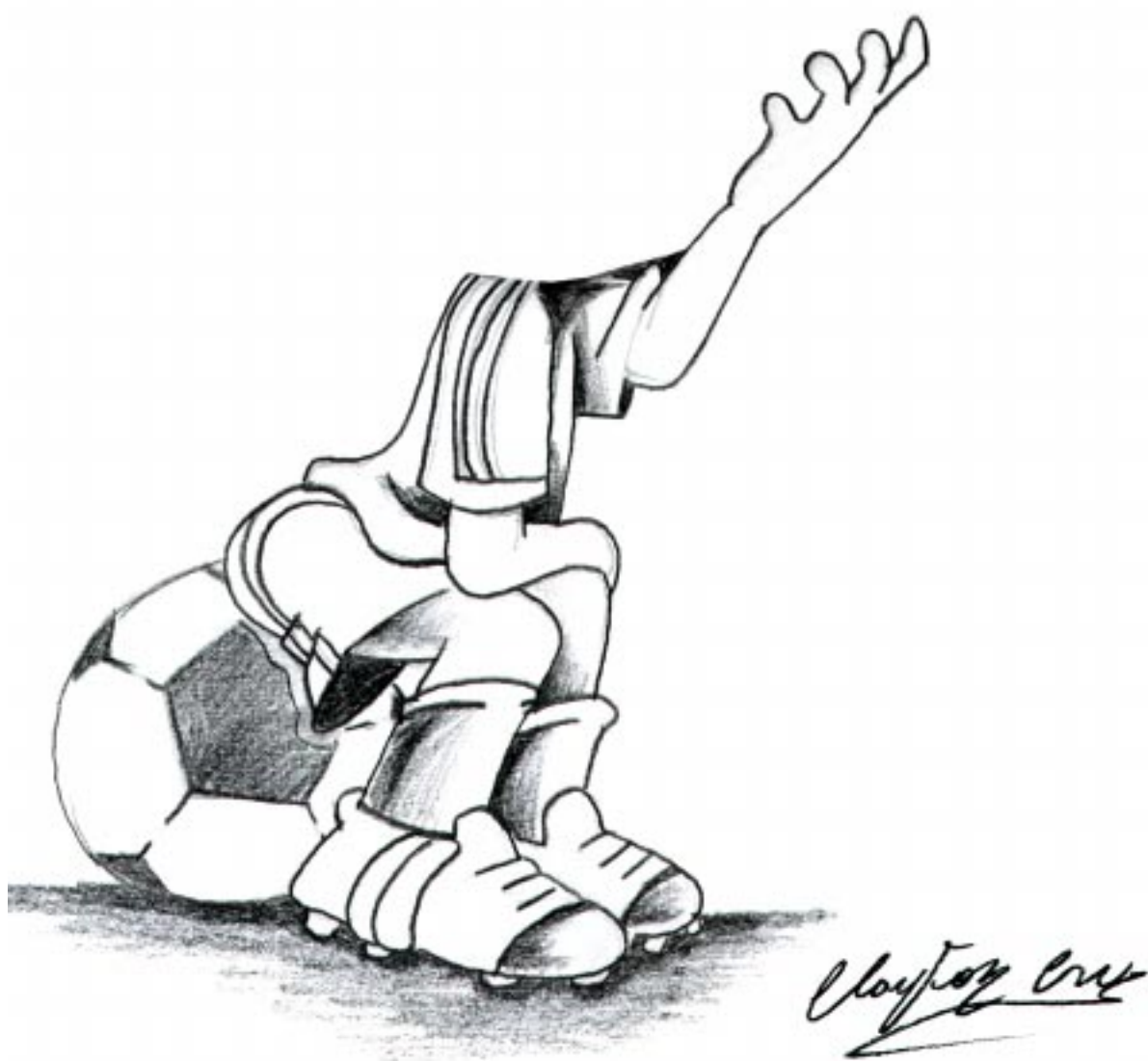
Dos milhões de habitantes,
que em nosso Brasil tem.
Noventa por cento é de bola,
é doença que convém.
Por causa de uma partida,
tem nego que perde a vida,
pegando ponga em trem...

E só prá pegar fogo,
em nosso Brasil inteiro.
Inventaram o “copão”,
chamado de Brasileiro.
Com time perna de pau,
junto com profissional,
tudo isso por dinheiro...

Mas vamos falar de Minas,
principalmente do Norte.
Onde o futebol já foi,
uma atração bem mais forte.
Quando saía até tiro,
com Ateneu e Cassimiro,
pior do que boi de corte...

Esses dois grandes timaços,
foram sempre a sensação.
Se um ganhava na bola,
outro levava na mão.
O negócio era vencer,
se possível até morrer,
só prá ser o campeão..





Quando tinha o duelo,
a torcida preparava.
Enchendo a cara de “cana”,
pra topar o que pintava.
E o pau comia frouxo,
com cabra saindo coxo,
quando vitória cantava...

Não existia juiz,
que fosse bom pra apitar.
Quem apitava o CLÁSSICO,
melhor mesmo era empatar.
Para não entrar no fogo,
e sair-se bem no jogo,
e de surra se livrar...

Conheci Hélio Xorró,
um juiz muito nervoso.
Quando apitava o CLÁSSICO,
entrava em campo medroso.
Um dia deu nele azar,
por um pênalti não apitar,
ví torcedor desgostoso...

a torcida furiosa,
com aquela decisão.
Invadiu logo o campo,
numa grande confusão.
Pegaram o Xorró no grito,
fez ele engolir o apito,
inda ficou sem calção...

Por essas duas equipes,
passou muita gente boa.
De papo, bola e de bico,
gente fina e gente a toa.
Relembrei alguns nomes,
que nem o tempo consome,
de gente moça e coroa...

Lembro de Manoel Bucheiro,
João Carinha e Zé Facão.
Júlio Rabada Gorda,
Baculelo e Gavião.
Do Júlio Bôca de Fôgo,

cabra duro em todo jogo,
com Jackson Pantaleão...

O Ildeu Cachorro Doido,
João Bezerra, Nem Lambreta.
Zé Raposa e Neo Sujo,
e o Onofre Carne Preta.
Tinha também Isabel,
meu amigo Coronel,
junto com Tuca Porreta...

01

Pai de Cobra e Zoim,
Moi de Ferro e Cabeção.
O Toninho Pé de Rodo,
Verdureiro e Pezão.
Nem Galinha e Curió,
Cachaça e o Nego Ró,
Walter Lima e Negão...

Pedro Bó, Cariba, Bonga,
Zé Bedeu e Baleeiro.
Também corria mulher,
lá estava dona Cheiro.
Tinha o Milton Tobinha,
Zé Foguete e Cabecinha,
Muriçoca e Marrueiro...

Pé de Mula e o Tatú,
com fama de goleirão.
Que falarei adiante,
com muita satisfação.
Me lembro de Cassetete,
do bom Didi Canivete,
e de Nilson Espoletão...

“Seu”Zim Bolão reunia,
toda turma da fofoca.
Pra falar de futebol,
seu “boteco” era a toca.
Juntava o Luiz Leilão,
Chico Cula e Barão,
papo era Azul e Broca...

O Seu Manoel Come-unha,
que sofria da espinha.
Tinha os dentes comidos,
de segurar bandeirinha.
Conheci o Zé Barbeiro,
que bebia o dia inteiro,
junto com o João Trancinha...

Hélio Boca de Piranha,
que escrevia no jornal.
Falando de futebol,
ele “disgramava” o pau.
O Castilho Falsidade,
tinha a cara de maldade,
igualzinho o Zé Mingau...

Recordo do Tú Peixoto,
O nosso melhor goleiro.
Também do João Berro Grosso,
Ita, Biléu, Borracheiro.
Quem não lembra do Boião,
“goleiraço” do União,
tinha fama de frangueiro...

O Augustão Bala Doce,
na reserva ele sofria.
Do “Tota” vereador,
presidente perna fria.
Sempre com iluminação,
quase morre de emoção,
quando virou freguesia...

Bigorna e Paco-Paco,
e o Nelson Bosta-preta.
Lero, Fiapo, Cassote,
tinha os pés de marreta.
Lembro do Hélio Chumbinho,
Priscilino e Bigodinho,
com seu riso de careta...

Milton Barros, Zé Bucânia,
O Robertinho Careca.
Do Aroldo Fromiguinha,
pulava mais que peteca.
Pedro Cantinflas e Gato,



corriam mais do que rato,
pareciam perereca...
Era fato bem comum,
em dia de decisão.
O pau comer muito cedo,
torcedor ir prá prisão.
Aposta, batuque e gole,
para ninguém ficar mole,
isso virou tradição...

Quando isso acontecia,
na cidade era festa.
Se antes ninguém dormia,
no dia quebrava a testa.
O CIÁSSICO era loucura,
e mesmo moçada dura,
nesse dia nunca presta...

No Ateneu certa vez,
inda no tempo da raça.
Quando o cabo Norbertão,
era técnico e de graça.
Antes de cada partida,
a cena mais divertida,
“concentração na cachaça”...

Certa vez aconteceu,
num jogo de despedida.
Um juiz chamado Zuza,
foi apitar uma partida.

Só que esqueceu o apito,
O início foi no grito,
aquela foi a saída...

02

Em Montes Claros é comum,
se ver fato interessante.
Que se passa no esporte,
tornando até importante.
Vou relembrar pra o leitor,
proeza que aqui passou,
quem sabe até delirante...

Aconteceu com Castilho,
chamado de falsidade.
Não sabia olhar a hora,
era juiz de verdade.
Um dia o tempo esgotou,
e ele continuou,
na maior tranquilidade...

O Deputado Edgar,
presidente do Ipê.
Dava tudo pra seu time,
qualquer batalha vencer.
Comprava bom jogador,
cartolas e torcedor,
para ter maior poder...

Entretanto o seu time,
era enfraquecimento.
Não ganhava de ninguém.
Era grande o sofrimento.
Edgar desesperado,
sendo muito endinheirado,
quis comprar entrosamento.

E o Gildásio de Souza,
O popular “Geladeira”.
Que sentiu muita emoção,
quando conheceu chuteira.
Calçando a primeira vez,
ficou “piado” um mês,
parecendo brincadeira..

Aconteceu que o Gildásio,
só chutava entrevado.
Suas bolas iam longe,
e só caíam de lado.
Quando “Quidão” descobriu,
a chuteira se abriu,
tava com os pés trocados...

Um certo tempo atrás,
contou-me dona Divina.
No campo do Cassimiro,
a luz era lamparina.
O Ateneu era amado,
tinha campo iluminado,
e uma torcida granfina...

Até que o Cassimiro,
humilhado de dá dó.
Resolveu mudar de rumo,
tirou o campo do pó.
Ajuntou um bom dinheiro,
iluminou seu “terreiro”,
mas ficou sem bororó...

Certa vez aconteceu,
outro fato sem igual.
Cassimiro e Democrata,
disputando uma final.
Era um jogo que valia,
dois pontos na loteria,
a torcida era total..



O Democrata tão fraco,
Cassimiro o favorito.
Tinha que ganhar no peito,
na bola ou mesmo no grito.
E além de estar em casa,
O time estava uma brasa,
tendo a favor o apito...

Aconteceu que a zebrinha,
estava afim de brincar.
Com o nosso torcedor,
e resolveu bagunçar.
Faltando um minuto só,
saiu um gol de Brechó,
pra o Cassimiro chorar...

E em outra decisão,
com o União Tijucana,
O técnico era João Melo,
e o time entrou na grana.
O campo ficou lotado,
com o torcedor preparado,
e a cara cheia de “cana”...

Esse foi um jogo duro,
que acabou num empate.
Teve dois Cassimirenses,
que morreram de enfarte.
Sentindo tanta emoção,
um monte de coração,
driblou a morte com arte...

E na disputa de pênaltis,
outro fato interessante.
De cinco bolas chutadas,
nenhuma foi ao barbante.
Foi um silêncio profundo,
cena mais triste do mundo,
foi dose pra elefante...

03

Montes Claros já foi palco,
de jogo sensacional.

Aqui tem bom jogador,
e também perna de pau.
No time do Independente,
Vera Cruz e Tiradentes,
União e Industrial...

Ferrovário e Bahia,
sobem e descem divisão.
O Guaraní é “luado”,
fama de bicho papão.
Tem também o Coroinha,
time de Valdir Rosquinha,
que nunca foi campeão...

Mas tudo que relatei,
foi pra rever o passado.
Prá meu leitor conhecer,
os mil nomes “lascados”.
Que chegaram ao meu cordel,
por pesquisas do Miguel,
creio nada foi trocado...

Entretanto vou falar,
dos dois times mais queridos.
Ateneu e Cassimiro,
esquadrões mais divertidos.
Vou falar da decisão,
pra o título de campeão,
um fato tão discutido.

Foi em quatro de novembro,
ano de setenta e três.
Torneio Santos Dumont,
que durara mais de mês.
No José Maria Melo,
o tempo tava “amarelo”,
pois um seria freguês...

Com o estádio repleto,
de todo tipo de gente.
Tudo indicava que o jogo,
ia ser bem diferente.
Muita gente apostava,
outra parte se entregava,
no “gole” de aguardente...

Bandeiras se espalhavam,
pelos céus deste sertão.
As charangas animadas,
cada qual com seu refrão.
Gelson Dias e Nardel,
anotavam no papel,
fatos para a transmissão...

E nas arquibancadas,
O “pau” comia a valer.
debaixo de um sol quente,
e o povão sem se mexer.
Apanharam um criolão,
“tacaram” ele no chão,
fazendo o campo tremer...

de repente apareceu,
O timão do Casimiro.
Vestido todo em azul,
nunca se viu tanto tiro.
Quando tocou o gramado,
foi grito por todo lado,
era total o delírio...

Ateneu de preto e branco,
apareceu do outro lado.
Foi recebido com flores,
e muito papel picado.
A torcida pegou fogo,
pois esperava do jogo,
ter o melhor resultado...

Nesta época o Cassimiro,
tinha time pra esnobar.
“Budega”, “Nicó”, Ademir,
“Júlio Cesar”, e Sabará.
“Zanata”, “Jair” e “Bené”,
“Malveira” quente no pé,
“Marcelo”, “Piau”, prá danar...

O Ateneu era forte,
candidato a campeão.
“Felipe”, “Waldir”, “Dequinha”
“Pombo”, “Ró”, e “Luizão”.
“Maciel”, “Milton”, “Dario”,

O peito de aço frio,
e “Elton” pé de canhão...

Neste tempo o Cassimiro,
tinha um ataque de fé.
Grande batedor de pênalti,
quem não lembra do Bené?
Era gol de todo jeito,
de bico, mão, raça e peito,
gol com ele era maré...

O Bené era temido,
pelo jeito de driblar.
Se a bola fosse ao gol,
já podia até gritar.
Pois goleiro não pegava,
e qualquer bola entrava,
ele era de arrasar..

04

O Ateneu também tinha,
sua “vedete” afamada.
O goleiro Felipão
tinha a porta fechada.
Pegava de escanteio,
pelo alto ou pelo meio,
bola mansa ou porretada...

Aquele encontro seria,
a sensação da cidade.
Não podia haver empate,
“gol” era necessidade.
Para conquistar a taça,
e fazer vibrar a massa,
num carnaval de verdade...

No campo tinha de tudo,
bandeira, vela e fulô.
Tinha urubu-cubado,
cachaça e defumador.
Também estava o Zé Cunha,
com o Manoel Come Unha,
um doente torcedor...

O juiz fingindo calma,
preocupado com o vento.
Mandou começar o jogo,
começava o sofrimento.
Nessa hora a “zuada”,
surgiu na arquibancada,
em um jogo muito lento...

Sabará pegou na bola,
e controlou-a no pé.
Deu um passe de primeira,
na direção de Bené,
Que com o pé cheio de onda,
bateu firme na redonda,
a torcida levou fé...

A bola voou direto,
para o gol do Ateneu.
Mas na hora de entrar,
Felipão apareceu.
Com muita categoria,
fez pose pra Gelson Dias,
e a bola defendeu...

Com o jogo muito duro,
no ataque e na defesa.
Nêgo Ró chutava tudo,
Pombo não dava moleza.
Primeiro tempo passou,
a torcida se acalmou,
pois ninguém tinha certeza.

Começou segundo tempo,
a mesma repetição.
Se Piau chutava forte,
defendia Luizão.
Dadá teve que fugir,
das pernadas do Jair,
O jogo virou peladão...

A torcida chateada,
pra os nomes feios partiu.
Quando no último minuto,
um pênalti então saiu.

A emoção foi tão forte,
que houve mesmo até morte,
O estádio quase ruiu...

Cassimirenses sorriam,
pela oportunidade.
Vendo Bené ajeitando,
a redonda com “maldade”.
Felipão tava sereno,
todo seu corpo “benzeno”,
mostrando tranquilidade...

Parecia que o destino,
tinha marcado o encontro.
De Felipão com Bené,
num duelo em confronto.
Um era batedor,
O outro bom defensor,
tira-teima tava pronto...

O Juiz ficou inerte,
e logo deu o sinal.
Tinha muito torcedor,
caindo sentindo mal.
Quando o juiz apitou,
Bené correu e chutou,
o silêncio foi total...

Aconteceu nessa tarde,
um fato interessante.
Felipão pegou a bola,
que estourou num instante.
Saindo a câmara de ar,
que conseguiu penetrar,
lá no fundo do barbante...

O juiz muito assustado,
com aquela situação.
Deu o jogo por empate,
pra grande satisfação.
E as torcidas sorriram,
e pelas ruas saíram,
com o título de CAMPEÃO...

05

Já terminei minha estória,
Onde guardei na memória,
Sem nada acrescentar.

Entrego pra o torcedor,
Crítico ou dar valor,
Espero em breve voltar...

FIM

